

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS

Letícia Maria de Moraes Ferreira

Poder e política em *A revolução dos bichos*, de George Orwell

TAUBATÉ-SP

2021

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS

Letícia Maria de Moraes Ferreira

Poder e política em *A revolução dos bichos*, de George Orwell

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: literatura estrangeira

Orientadora: Profa. Ma. Deise Nancy de Moraes

TAUBATÉ-SP

2021

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

F383p Ferreira, Leticia Maria de Moraes
Poder e política em A revolução dos bichos, de George Orwell /
Leticia Maria de Moraes Ferreira. – 2021.
42 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2021.
Orientação: Profa. Ma. Deise Nancy Morais, Departamento de
Ciências Sociais e Letras.

1. Poder (Ciências Sociais). 2. Política e governo. 3. Revolução.
4. Orwell, George, 1903-1950. 5. Autoritarismo. I. Universidade de
Taubaté. Departamento de Ciências Sociais e Letras. Curso de
Letras. II. Título.

CDD – 820.09

FERREIRA, Leticia Maria de Moraes. *Poder e política em A revolução dos bichos, de George Orwell*. Trabalho de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras, da Universidade de Taubaté, para a obtenção do título de licenciada em Letras. Área de concentração: literatura estrangeira.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Deise Nancy de Moraes (orientadora)

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Ma. Maria Elisa Brito Pereira Pinheiro

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Aos meus pais, que me apoiaram desde o início da
minha escolha pelo curso de Letras, e que
acreditaram em mim e no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

À UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Agradeço por proporcionar o convívio com excelentes professores e pela cessão da bolsa que me permitiu concluir meus estudos.

AOS PROFESSORES

À Profa. Ma. Deise Moraes, por me aceitar como sua orientanda, por ter paciência e não desistir do meu trabalho, mesmo quando eu parecia perdida. À Profa. Ma. Thaís Travassos, que me despertou para a literatura para além dos textos. Ao Prof. Me. Luzimar Golart Gouvêa, que me ensinou a ler de verdade e me deu novos olhos para a educação.

À FAMÍLIA

Aos meus pais, Adele Maria de Moraes Ferreira e Mário Sérgio Ferreira, que sempre me apoiaram na minha escolha acadêmica e tornaram possível essa conquista. Ao meu irmão Felipe Augusto de Moraes Ferreira, que, mesmo falando que ser professor é difícil, diz que me admira e me apoia em todas as minhas escolhas.

AOS AMIGOS

À Suellen Concurde de Oliveira, que me apoiou e me ajudou durante esses três anos incríveis de Universidade, e, mesmo sendo difícil, tomava café comigo uma vez na semana, para me escutar. Ao Eduardo Pinheiro, que me deu novos olhos para a literatura de resistência e para a literatura política.

À minha ex-professora de Ensino Médio, que se tornou amiga, Maria Elisa Brito Pereira Pinheiro, que abriu meus olhos sobre o que realmente queria como vida profissional e acadêmica, que enxergou em mim um potencial que nem eu mesma era capaz de enxergar.

“E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido – se todos os registros contassem a mesma história –, a mentira tornava-se história e virava verdade”.

(George Orwell)

RESUMO

O tema do presente estudo é a relação entre poder e política na obra *A revolução dos Bichos*, de George Orwell. A pergunta de pesquisa que orientou o estudo foi: como se dá a relação entre política e poder no livro? Esta pesquisa se justifica pelo investimento de esforço de análise em uma obra que ainda é atual, tanto pela sua composição estrutural quanto pela temática, e por ser mais um contributo com o campo das Ciências Humanas, pois fomenta a discussão sobre as formas de organizar a sociedade, colocando como ponto central o poder e a política. Os objetivos desta pesquisa foram: 1) aprofundar teoricamente a discussão sobre o conceito de política; 2) aprofundar a discussão sobre as formas de poder, sobretudo as autoritárias; 3) localizar elementos dessas formas de poder na obra em questão; 4) buscar na obra escolhida elementos temáticos para discutir a sociedade atual. A presente pesquisa se alinha a uma linha epistemológica interpretativista, construída a partir de argumentos ancorados em autores como Michel Foucault, propondo, assim, uma nova possibilidade de leitura da obra pesquisada. Assim, a metodologia adotada é a da análise de conteúdo, com viés qualitativo-interpretativo. Os resultados da análise apontam que, na obra, a relação entre poder e política se dá de forma obscura, porém mútua.

Palavras-chave: Poder. Política. Revolução. George Orwell. Autoritarismo.

ABSTRACT

The theme of this study is the relationship between power and politics in George Orwell's "The Animal Revolution". The research question that guided the study was: how does the relationship between politics and power take place in the book "The animal revolution"? This research is justified by the investment of analysis effort in a work that is still current, both for its structural composition and the theme, and for being another contribution to the field of Human Sciences, as it fosters the discussion on ways to organize the society, placing power and politics at the center. The objectives of this research were: 1) to theoretically deepen the discussion on the concept of politics; 2) to deepen the discussion on forms of power, especially authoritarian ones; 3) locate elements of these forms of power in the work in question; 4) search the chosen work for thematic elements to discuss the actual society. This research is in line with an interpretative epistemological line, built from arguments anchored in authors like Michel Foucault, thus proposing a new possibility of reading the researched work. The results of the analysis show that, in the work, the relationship between power and politics takes place in an obscure but mutual way.

Keywords: Power. Politics. The Animal Farm. Totalitarianism. Authoritarianism.

INTRODUÇÃO

Quando iniciei o curso de Letras, na Universidade de Taubaté (UNITAU), queria me dedicar com mais profundidade ao estudo das variedades da língua. Porém, durante os dois primeiros anos, tive ótimos professores de Literatura, tanto brasileira quanto estrangeira, e de Teoria Literária, o que me fez cogitar a possibilidade de mudar a rota que tinha imaginado já no início do curso. No quarto semestre, decidi que faria análises e discussões teórico-literárias em meu trabalho de conclusão de curso.

Portanto, neste trabalho, propus-me a investir um esforço teórico em uma obra que dialoga com o nosso tempo, a fim de trazer uma discussão, a partir da obra, sobre o lugar do poder e da política na construção atual de sociedade em que vivemos, uma vez que a busca pelo poder é historicamente massacrante, principalmente quando falamos de autoritarismo, tal o que estamos vivenciando na política mundial atual.

Assim, desenvolvi um estudo entre a relação de poder e de política na obra *A revolução do Bichos*, de George Orwell. Durante as reuniões de orientação, decidi expandir o tema para além da análise do livro, propus-me a discutir a posição do poder e da política na sociedade atual, utilizando a literatura para tematizar elementos da sociedade atual.

Como pergunta de pesquisa, propus “Como se dá a relação entre política e poder no livro ‘A revolução dos bichos?’”. E, no decorrer do trabalho, surgiu uma segunda pergunta de pesquisa, a saber: “Qual o lugar do poder na sociedade atual, analisado pelo viés da política autoritária?”.

A pesquisa se justifica pelo investimento de esforço de análise em uma obra que ainda é atual, tanto pela sua composição estrutural quanto pela temática. Outra justificativa para a realização deste estudo é a contribuição com o campo das Ciências Humanas, ao travar uma discussão sobre formas de organização da sociedade, colocando como ponto central o poder e a política. Ademais, estudar e refletir sobre o lugar do poder na sociedade, sobretudo a atual, é ação que se justifica-se *per se*.

Considerando o exposto, os objetivos desta pesquisa foram:

- 1) Aprofundar teoricamente a discussão sobre o conceito de política;
- 2) Aprofundar a discussão sobre as formas de poder, sobretudo as autoritárias;
- 3) Localizar elementos dessas formas de poder e de política na obra;

4) Buscar, na obra escolhida, elementos indicadores dessas temáticas, tendo como foco principal o poder de viés autoritário, para discutir a sociedade, principalmente a sociedade atual.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro voltado para as devidas apresentações do autor e da obra, e para a explicação e a contextualização da Revolução Russa.

O segundo está dividido em duas partes, uma voltada para a definição de política e outra para a definição de poder, ambas tomadas como embasamento teórico para a realização do trabalho.

O terceiro capítulo é voltado para a apresentação da obra literária escolhida e está dividido em três partes, que apresentam os seguintes tópicos: a) contextualização geral da obra, b) análise do conceito de poder na obra, c) análise do conceito de política na obra.

O quarto capítulo apresenta a discussão sobre como podem ser tomados os elementos analisados no capítulo 2 para pensar a sociedade atual, tendo como base as relações de poder e de governamentalidade do Estado.

1 QUEM É QUEM?

*Numa época de mentiras universais, dizer a verdade é
um ato revolucionário.
George Orwell.*

1.1 Apresentação do autor

George Orwell é pseudônimo de Eric Arthur Blair, que nasceu em 25 de junho de 1903, na Índia, que, na época, ainda era uma colônia britânica. Filho de um oficial britânico e de uma mulher de origem francesa. Quando criança, mudou-se para o Reino Unido com a família. Em 1911, estudou em um internato na Inglaterra. Posteriormente, por meio de seu tio, conseguiu uma bolsa parcial para estudar em St. Cyprian's School. Entre 1917 a 1921, frequentou o Eton College, com bolsa de estudos. Ali, foi aluno do famoso escritor Aldous Huxley (1894-1963).

Mesmo estudando em boas escolas, Orwell não frequentou a Universidade, uma vez que não tinha notas altas o suficiente, nem dinheiro suficiente, para isso. Então, em 1922, fez o exame para trabalhar na Polícia Imperial Indiana, em Myanmar.

No entanto, permaneceu na polícia apenas até 1927, quando resolveu dedicar seu tempo a viver como escritor. Por conta disso, foi para Londres, encarou a pobreza, viveu em pensões baratas e favelas. Em 1928, foi para Paris, onde viveu e escreveu durante um ano e meio, aproximadamente, além de lavar pratos em um hotel de luxo.

Em 1937, foi para a Espanha lutar contra os fascistas na Guerra Civil. Era filiado ao *Partido Obrero de Unificación Marxista* (Partido Operário de Unificação Marxista), de postura antistalinista. Na Guerra, foi gravemente ferido no pescoço e só conseguiu sair da Espanha com a ajuda de sua esposa, Eileen O'Shaughnessy (1905-1945), que trabalhava no escritório do líder do Partido Trabalhista Independente e com quem estava casado desde 1936.

Ao terminar de escrever, em 1944, seu romance *A revolução dos bichos*, teve sua obra recusada por grandes editores, devido ao seu teor político. No entanto, ao ser publicada, alcançou grande sucesso de crítica, o que trouxe fama ao escritor. Assim, 250 mil cópias do livro foram vendidas em um ano.

Orwell morreu aos 46 anos, no dia 21 de janeiro de 1950, de tuberculose, em Londres. A seu pedido, seu funeral seguiu ritos anglicanos. Em seu túmulo, aparece o

epitáfio: *Here lies Eric Arthur Blair, born June 25, 1903, died January 21, 1950* (Aqui jaz Eric Arthur Blair, nascido em 25 de junho de 1903, falecido em 21 de janeiro de 1950); sem que haja qualquer referência a seu pseudônimo George Orwell.

Em relação às posições ideológicas do autor, tema sempre recorrente quando se fala em seu nome, é possível afirmar que sua postura era antinazista, antifascista e antitotalitarista. Orwell se posicionava a favor do socialismo democrático, configurando-se, assim, como um dos maiores críticos do socialismo stalinista russo.

Segundo Lorisvaldo (2019, p. 60), ele foi um “escritor de origem indiana e educação tradicional inglesa, responsável pela criação, magistral, desta que é uma das obras mais importantes do século XX”. Assumiu o pseudônimo de George Orwell desde a publicação de seu primeiro romance, *Na pior em Paris e Londres*, de 1933, que trata dos anos em que passou vagando na França e na Inglaterra, após abandonar a carreira militar e decidir seguir uma carreira literária. Entre 1933 e 1949, publicou diversos livros, dentre eles *A revolução dos bichos* e *1984*, que são os mais populares até hoje¹.

A relação de sua produção literária é extensa e envolve romances, poemas, artigos, ensaios e outros escritos. Em relação a seus romances, a relação é a seguinte:

1. *Burmese Days* (1934), título no Brasil: Dias na Birmânia
2. *A Clergyman's Daughter* (1935), título no Brasil: A Filha do Reverendo
3. *Keep the Aspidistra Flying* (1936), título no Brasil: Mantenha o Sistema/Moinhos de Vento/A Flor da Inglaterra
4. *Coming Up for Air* (1939), título no Brasil: Um Pouco de Ar, Por Favor!
5. *Animal Farm* (1945), título no Brasil: A Revolução dos Bichos
6. *Nineteen Eighty-Four* (1949), título no Brasil: 1984

1.2 Apresentação e contextualização da obra

A obra foi publicada em 1945, no Reino Unido, sendo dividida em dez capítulos não intitulados. A edição de lançamento conta com o posfácio de Christopher Hitchens, que faz reflexões acerca do livro e da Revolução Russa, uma vez que o enredo faz referência ao contexto dessa Revolução. A edição analisada nesta pesquisa é a lançada em 2007, no Brasil, pela Editora Companhia das Letras. Nela, além do posfácio que aparece no original, há também dois apêndices: o primeiro, intitulado *A liberdade de*

¹ Atualmente, algumas de suas obras estão sendo transformadas adaptadas para outros suportes, como quadrinhos, para melhorar a acessibilidade de jovens que queiram acessar essa literatura, mas que têm pouca familiaridade com o gênero romance. Essa é, por exemplo, uma iniciativa da editora Companhia das Letras.

imprensa, foi proposto como prefácio pelo autor à primeira edição inglesa, de 1945, o segundo apêndice é o prefácio do autor para a edição ucraniana, de 1947.

A fábula do romance conta a história de uma granja (Granja do Solar) localizada na Inglaterra, na qual o proprietário (Sr. Jones) maltrata e explora seus animais. O porco Major tem um sonho de que os animais tomem a fazenda e estabeleçam um sistema em que os bichos se livrariam “do Homem para que o produto de nosso trabalho seja só nosso. Praticamente do dia para noite nos tornar ricos e livre” (ORWELL, 2007, p. 13). Pouco tempo depois desse discurso, Major morre, e os animais, cansados de ser explorados, começam a trabalhar e a pôr em prática o sonho de Major.

Passados alguns meses, houve a revolução, os animais da granja colocaram o dono para fora e assumiram o controle da fazenda e de sua produção. Foi realizada uma reunião para decidir as regras e o novo sistema de funcionamento da agora chamada Granja dos Bichos. Então, durante essa reunião, colocaram os porcos como gestores das atividades da fazenda e criaram sete mandamentos:

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupa.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais (ORWELL, 2007, p. 25).

Os porcos que assumiram a gestão da fazenda foram Bola-de-Neve e Napoleão, que, depois de um tempo, passaram a discordar sobre como as atividades eram realizadas na fazenda e sobre a construção de um moinho de vento. Logo após essas discordâncias, Bola-de-Neve abandona a Granja dos Bichos e é tido como traidor. Napoleão é visto como defensor e protetor, rouba a ideia de Bola-de-neve sobre a construção do moinho e passa a comercializar com os homens, contrariando, assim, os primeiros princípios colocados nos sete mandamentos.

Com Napoleão no comando, algumas regras e mandamentos foram alterados, os mandamentos sofreram pequenas alterações, das quais os bichos não se lembravam se já estavam lá antes, mas já havia passado um certo tempo para que pudessem se lembrar com clareza.

Houve invernos difíceis e escassos, e foi nessa época que os porcos foram pegos bebendo bebidas alcoólicas, dormindo nas camas e vivendo dentro da antiga casa do

fazendeiro, além de comercializarem com os homens. Assim, “as criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco” (ORWELL, 2007, p. 112).

Como mencionado, o cenário da narrativa é a Granja, mas há vislumbres de outros ambientes, como a cidade onde Jones vai parar e as fazendas ao redor da granja. Os personagens são: Bola-de-Neve, Major, Napoleão e Garganta (os porcos); sr. Jones, sr. Whymper, Pilkington e Frederick (os homens); Sansão, Mimosa e Quitéria (o cavalo e as éguas); Benjamim (o burro); os cachorros; a gata; o corvo.

O enredo apresenta movimentos sutis, sendo o clímax representado pela assunção da tirania de Napoleão. Não há solução do problema ao final do livro. Assim, sem desfecho, a narrativa apenas evidencia o problema.

A narrativa é uma construção satírica que tangencia dois acontecimentos históricos, a Revolução Russa e a posterior implementação do stalinismo. Segundo Filho e Fonseca (2006, s/p),

Orwell utiliza-se da literatura, através da elaboração de uma fábula, para fazer uma crítica à Revolução Russa de 1917, ao sistema de governo implementado por ela e expor as engrenagens sociais que permitem a preponderância de um grupo sobre a maioria da população.

Segundo Santos, Matos e Oliveira (2010, p. 2), “A obra carrega em si uma utopia que resulta em uma distopia, conforme os fatos narrados, e [...] temas como Marxismo e regime totalitário (especialmente o stalinismo), projetados na obra, se relacionam”. Analisando o livro em relação ao que tangencia a Revolução Russa, temos o seguinte:

[...] senhor Jones representa a monarquia e a burguesia russa (respectivamente, sistema absolutista e capitalista) que exploravam o proletariado. Esta classe é representada na obra pelos cavalos Sansão, Quitéria e os demais animais. Major, segundo Fontana, é a representação de Karl Marx, elaborador do socialismo científico ou marxismo, mas acreditamos que este fato não pode ser afirmado, pois o Major poderia ser muito bem a figura do líder revolucionário russo, Lênin, porque este seguia o pensamento marxista com fervor (MATOS; SANTO; OLIVEIRA, 2010, p. 3).

Ou seja, a obra é considerada uma representação da realidade, com traços ficcionais e efabulativos.

1.3 Uma contextualização sobre a Revolução Russa

Neste tópico, apresento uma breve contextualização sobre a Revolução Russa. É importante evidenciar que se trata de um breve histórico, pois se trata de um evento sobre o qual muito já se escreveu. Portanto, não pretendo aqui esgotar o assunto, ao contrário, apresento um panorama básico, para que o leitor possa compreender de que se trata o contexto histórico da obra analisada, mas não é objetivo deste estudo aprofundar os saberes sobre esse evento histórico.

O contexto da emergência da Revolução Russa é o contexto de uma Europa que se encontrava em ampla mudança, devido à industrialização. Porém, na Rússia, essa mudança estava se dando de modo superficial, uma vez que a população era governada pelo imperador, que ainda se servia do modelo teocrático de organização da sociedade.

Em 1861, o Tsar Alexandre II introduziu a Rússia na era das reformas. Estas, insuficientes, não conseguem impedir a crise do antigo regime: em 1905, o imenso império se encontra no turbilhão de uma primeira revolução (SALOMONI, 1997, p. 7).

Após muitos anos de preparação, a libertação dos servos foi proclamada por um tsar, em 1861, libertação essa que transformava os antigos servos em cidadãos livres. Esse tipo de reforma proporcionada por Alexandre II foi a base para a derrubada da nobreza e do sistema imperialista vigente, facilitando o desenvolvimento burguês. Entretanto, “apesar das reviravoltas provocadas pela emancipação dos servos, a sociedade russa atravessa o século XIX sem quebrar a imobilidade própria do sistema feudal” (SALOMONI, 1997, p. 14).

Esse sistema de industrialização formou uma nova classe, os operários da cidade, e trouxe consigo a miséria. Em 1901, houve a “greve dos operários das fundições Straganov, na região de Perm (Urais)” (SALOMONI, 1997, p. 16), pois

O surgimento do capitalismo intensifica o antagonismo entre a mão-de-obra e o patronato. A questão operária está então em primeiro plano. As primeiras reivindicações referem-se aos salários, mas, a partir de 1901, uma nova palavra de ordem aparece, adotada pelo conjunto dos trabalhadores: a jornada de 8 horas (SALOMONI, 1997, p. 16).

A Revolução teve duas frentes, os Bolcheviques, que, segundo Clark (1990), eram maioria, organizados por Lênin², com um núcleo de revolucionários bem organizados e preparados; e os Mencheviques, que, ainda segundo Clark (1990), eram minoria, liderados por Martov, filiados a um partido aberto aos simpatizantes da proposta de Revolução.

Comprometida na Primeira Guerra Mundial, a Rússia afunda no caos. Em 1917 “as jornadas de fevereiro” dão fim ao regime dos tsares, enquanto a Revolução de Outubro consagra a tomada de poder dos bolcheviques (SALOMONI, 1997, p. 31).

Durante a Jornada de Julho (manifestações para que os soviets voltassem ao controle da capital), Lênin foi acusado de ser agente alemão, sendo perseguido, fato pelo qual decidiu se refugiar na Finlândia. Em 1917, Leon Trótsky³ anuncia os decretos que colocam a Revolução em movimento.

Em abril e outubro de 1917, os bolcheviques haviam julgado indissociáveis a revolução russa, o fim da guerra seguido por uma paz democrática e a revolução proletária na Europa, sendo que as três coisas fariam parte de um mesmo e único processo. O decreto sobre a paz (26 de outubro de 1917) é, assim, o primeiro ato de política externa do governo dos soldados, operários e camponeses (SALOMONI, 1997, p. 45).

Com isso, segundo Vicentino (1995), nasce a União Russa Socialista Soviética (URSS), em 1922, no décimo Congresso Pan-russo dos Sovietes Revolucionários. E tem-se a confirmação, em 1923, da Segunda Constituição Comunista, que perdura até dezembro de 1991.

Entre os anos de 1918 e 1919, a passagem do sistema econômico é feita com prudência até o início da Guerra Civil, pois a Revolução não parecia preparada para estabelecer uma nova economia, uma vez que “ela apenas venceu o poder econômico dos grandes proprietários e o poder político da burguesia” (SALOMONI, 1997, p. 93).

Em 1921, houve a abertura da fase de desenvolvimento da Nova Política Econômica (NEP), que resultou numa crise profunda do regime soviético, o qual se tornou pior na primavera do mesmo ano, com a degradação da economia agrícola. Instaurando-se, assim, a fome.

² Vladimir Ilitch Ulianov.

³ Liev Davidovitch Bronstein.

A fome é um fenômeno constante na história da Rússia. [...] a fome de 1921 – 1922 é muito mais grave do que todas as anteriores. Embora a colheita do trigo fosse relativamente abundante em 1920, no ano seguinte ela atinge apenas 38,2 milhões de toneladas, ou seja, a metade da produção média antes da guerra, com resultados ainda mais baixos em certas zonas. A grande seca [...] vem acrescentar-se às magras colheitas (SALOMONI, 1997, p. 129).

Com a morte de Lênin, em 1924, houve uma ratificação da URSS, e, durante um congresso, o primeiro após a morte de Lênin, Stalin e Trotsky ficaram em lados opostos. Após cinco anos, Trotsky foi banido da URSS, “com um ar de altivez aturdida no rosto, para se tornar o crítico mordaz de Stálin no exterior, e seu símbolo máximo de traição e heresia na Rússia” (MONTEFIORE, 2006, p. 70).

Mas foi apenas em 1934 que as atividades estatais de repressão política ganharam conotações novas e foram facilmente constatáveis, pois, segundo Pinsky, em *Faces do fanatismo* (2004), os expurgos stalinistas foram além do campo político-partidário, englobando uma massa anônima que ia contra o governo. Esse período foi chamado de *O grande terror*.

A partir de 1924, acontecerem inúmeras repressões em nome do stalinismo. Por exemplo, A Lei de 1º de dezembro, que permitia a incorporação de novos territórios para a União. Nesse cenário, cerca de 2 milhões de pessoas foram mortas ou forçadas a trabalhar nos campos. E, em 1935,

Stálin e Mólotov aproveitaram a oportunidade para acrescentar outra arma terrível a seu arsenal para o uso contra os oponentes políticos, decretando que, a partir de então, crianças de doze anos poderiam ser executadas (MONTEFIORE, 2006, p. 213).

Em 1936, a prisão e a perseguição dos seguidores de Trotsky aumentaram, mudando a sentença de quem estava no campo de trabalho para a morte. Porque “o “confronto” era um dos rituais bizarros de Stálin, no qual, como em um exorcismo, o bem deveria enfrentar e vencer o mal” (MONTEFIORE, 2006, p. 233).

Em 1937, com os rumores da Segunda Guerra Mundial, a URSS se encontrava em vias de guerra com a Alemanha de Hitler, “mas, enquanto a tensão crescia com o agressivo Japão no Extremo Oriente e os “assessores” soviéticos lutavam na Espanha, a URSS já estava em guerra” (MONTEFIORE, 2006, p. 237).

Os assassinatos sistemáticos pelo “bem e pela perpetuação do sistema”, começaram quando Stálin assumiu o poder e só foram parar depois de sua morte. O período de terror não teria acontecido sem Stálin. E “foi somente após o massacre da alta

direção do NKVD e das Forças Armadas, entre março e julho de 1937, que Stálin emergiu como ditador absoluto” (MONTEFIORE, 2006, p. 280).

Em 1939, deu-se início a Segunda Guerra Mundial, e, em um primeiro momento, houve uma aliança entre Stálin e Hitler, o que permitiu que Hitler ficasse com as terras da Lituânia.

No dia 22 de julho de 1941, deu-se início a um dos duelos mais brutais da Segunda Guerra Mundial,

No mesmo dia em que o Grande Exército de Napoleão invadira a Rússia 129 anos antes, os mais de 3 milhões de soldados de Hitler [...], apoiados por 3600 tanques, 600 mil veículos motorizados, 7 mil peças de artilharia, 2500 aeronaves e cerca de 625 mil cavalos, atravessaram a fronteira para enfrentar os exércitos soviéticos de forças quase iguais, com 14 mil tanques (2 mil deles modernos), 34 mil cachões e mais de 8 mil aviões (MONTEFIORE, 2006, p. 403).

Com o fim da 2ª Guerra, em 1945, houve mudanças, Stálin se tornou um antissemita rancoroso, aumentando, assim, as perseguições dentro da URSS. Apenas oito anos depois do fim da guerra, Stálin foi morto, possivelmente envenenando, já que algumas pesquisas sugerem que tenham batizado seu vinho com uma droga que dilui o sangue.

2 PODER E POLÍTICA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o fábrica.

(Michel Foucault)

As definições de política e de poder adotadas neste trabalho são baseadas nos postulados de Michel Foucault em *Microfísica do poder*. Este capítulo foi dividido em dois subtítulos, com o intuito de organizar melhor o texto e as ideias apresentadas aqui.

2.1 Poder como mecanismo difuso

Foucault afirma que o poder é constituído como um mecanismo difuso e que permeia a sociedade em diversas esferas. Também considera o poder como uma rede produtiva, pois, “ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 2019, p. 45), e uma força repressiva. O filósofo afirma que “o poder é essencialmente repressivo”, uma vez que “o poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos uma classe” (FOUCAULT, 2019, p. 274). Baseando-se em Foucault, Albuquerque afirma que o poder é tido como

[...] um conjunto de relações; em vez de derivar de uma superioridade, o poder produz a assimetria; em vez de se exercer de forma intermitente, ele se exerce permanentemente; em vez de agir de cima para baixo, submetendo, ele se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade; em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 109).

Nesse sentido, o modo de funcionamento e de sustentação das formas de poder não se dá apenas de cima para baixo, em formas verticalizadas de poder, uma vez que os mecanismos de sustentação do poder também funcionam de baixo para cima, evidenciando aquilo que Foucault chamou de micropoderes. Sobre esses micropoderes, Sá e Soares (2005), baseando-se em Foucault, afirmam:

[...] é importante entender como se manifestam e através de quais mecanismos. Abordá-los em diferentes contextos acarreta uma dificuldade de ordem conceitual. Todavia, nos interessa observar as formas de poder que ocorrem no cotidiano organizacional, ou seja, os “micropoderes”, conforme observado por Foucault (1979). (SÁ; SOARES, 2005, p. 5).

Para Foucault, o poder não é detido pelos governantes, ou seja, “o poder não está localizado no aparelho de Estado” (2019, p. 240). Pois, “[...] o poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber” (FOUCAULT, 2019, p. 240). Esse saber usado como forma de poder é assim descrito:

Seguindo a lógica do pensamento atribuído ao filósofo inglês Francis Bacon de que conhecimento é poder, Toffler (1980, 1990) assevera ser o conhecimento uma fonte de poder capaz de punir, premiar, persuadir e até mesmo transformar indivíduos, dando ao seu detentor a possibilidade de contornar situações desagradáveis. Em uma sociedade onde a informação e o conhecimento são ativos indispensáveis para o sucesso de organizações e demais grupos sociais, seu controle acaba por legitimar o posicionamento de indivíduos especializados (CABRAL; GARCIA; MACHADO; MATOS. 2019, p. 123).

Por exemplo, o conjunto da intelectualidade em uma sociedade exerce um poder sob o tecido social que barra o que uma população específica pode ou deve saber, legitimando aquilo que será considerado um saber válido. Nas palavras de Foucault:

[...] os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um tipo de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber (FOUCAULT, 2019, p. 131).

Com isso, estabelece-se uma relação entre poder e saber, o poder sendo produto do saber, uma vez que “todo saber é político. [...] porque todo saber tem sua gênese em relações de poder”. (FOUCAULT, 2019, p. 28). Foucault relaciona poder e política, porque a política tem sua origem nas relações de poder, uma vez que o poder gerencia as relações sociais. Foucault observa que

[...] o poder emana das relações de produção existentes numa organização socioeconômica produtiva. Assim, é percebido numa diversidade de situações cotidianas nas quais é exercido pelos indivíduos, sob diversas formas. Nesses termos, o poder não é objeto pronto, concreto, e sim uma relação. Uma vez que tem esse caráter relacional, logo, a resistência a sua prática ocorre dentro da própria rede de poder, por uma multiplicidade de relações de força. Portanto, o poder é inerente à própria dinâmica social, constituindo um jogo de forças, por mais que o seu exercício seja legitimado e delegado coletivamente ao mandatário. Desse modo, ao ser expresso através de ações e atitudes, o poder é concebido como exercício relacional que naturalmente confronta forças socialmente antagônicas. Essa afirmação nos leva a pensar sobre a hipótese de que práticas de poder, no âmbito da sociedade, estariam sendo também reproduzidas no interior das organizações (SÁ e SOARES, 2005, p. 5-6).

Há uma relação entre soberania e disciplina que proporciona, muitas vezes, uma unanimidade em algumas discussões, “[...] porque soberania e disciplina, direito da soberania e mecanismos disciplinares são duas partes intrinsecamente constitutivas dos mecanismos gerais do poder em nossa sociedade” (FOUCAULT, 2019, p. 295).

Para Albuquerque (1995, p. 107), a relação poder-soberania trata

de um poder de ação intermitente, sempre visando esmagar ou aniquilar seu alvo. Juntar e recolher recursos, distender e aniquilar o objetivo, recolher e juntar novos recursos, eis a sequência lógica do funcionamento do poder-soberania.

Nesse sentido, “é impossível pensar o poder sem o rei – ou sem súditos, o que vem a dar no mesmo – na nossa concepção corrente, que Foucault chama de concepção do poder-soberania” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 106), uma vez que “podemos substituir Estado por autoridade, líder, instituição, mas sempre o poder será alguma coisa que pertence – ou é possuída – por alguma entidade” (ALBUQUERQUE, 1995, p. 106).

Há, também, a relação entre poder e disciplina que Foucault postula como não destruidora do indivíduo, mas como sua fabricante. Pogrebinschi (2004, p. 190) apresenta que, ao longo dos séculos, houve muitas transformações nas relações de poder e

[...] a mais importante delas consiste certamente na constatação foucaultiana de que o poder da soberania é substituído gradativamente pelo poder disciplinar e, por conseguinte, as monarquias soberanas se convertem aos poucos em verdadeiras sociedades disciplinares. (POGREBINSCHI, 2004, p. 190).

Com isso, surge a noção de biopoder, por meio da qual o poder pode ser entendido como efetivado através das “pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos – e não gerais ou globais – de poder” (POGREBINSCHI, 2004, p. 183). Ou seja, o biopoder pode ser entendido, a grosso modo, como o resultado do uso de tecnologias de controle sobre os indivíduos, o que passa a complementar o poder disciplinar,

[...] porque não se opera efetivamente uma substituição, mas apenas uma pequena modificação – ou adaptação –, e jamais uma exclusão. Em outras palavras, o biopoder implanta-se de certo modo no poder disciplinar, ele embute e integra em si a disciplina, transformando-a ao seu modo (POGREBINSCHI, 2004, p. 195).

Porém, a grande diferenciação entre poder-soberania, poder disciplinar e biopoder, é o papel do povo. Apenas no biopoder a população está no centro de uma relação de poder, uma vez que esse tipo de poder

intervém exatamente naqueles fenômenos coletivos que podem atingir a população e afetá-la – disso decorre que precisa estar constantemente medindo, prevendo, calculando tais fenômenos e, para isso, o biopoder cria alguns mecanismos reguladores que o permitem realizar tais tarefas (POGREBINSCHI, 2004, p. 196).

Existe uma economia do poder que foi instaurada pelas monarquias da Época Clássica, “isto é, procedimentos que permitiam fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada” em todo o corpo social” (FOUCAULT, 2019, p. 45). Essa classe social ascende dos burgos, ou seja, estabelece-se uma relação entre burguesia e poder, na qual a burguesia

[...] não se interessa pelos loucos, mas pelo poder; não se interessa pela sexualidade infantil, mas pelo sistema de poder que a controla; a burguesia não se importa absolutamente com os delinquentes nem com sua punição ou reinserção social, que não têm muita importância do ponto de vista econômico, mas se interessa pelo conjunto de mecanismos que controlam, seguem, punem e reformam o delinquente (FOUCAULT, 2019, p. 288).

A partir disso, há a delimitação da participação da burguesia, que

[...] conseguiu construir máquinas de poder que instauram circuitos de lucro, os quais por sua vez reforçam e modificam os dispositivos de poder, de maneira móvel e circular. O poder feudal, funcionando sobretudo com base na extração e na despesa, minava a si mesmo. O da burguesia se reproduz, não por conservação, mas por transformações sucessivas (FOUCAULT, 2019, p. 337-338).

A mecânica proposta pelo poder consegue permear a sociedade e se apresentar de uma forma normal, usando o próprio regime discursivo, que Foucault caracteriza como “[...] poder próprio do jogo enunciativo” (2019, p. 40). O jogo enunciativo mencionado por Foucault é a enunciação da fala e sua recepção, só assim é possível haver um jogo. O jogo enunciativo é uma das partes constituintes de um regime discursivo.

A dialética nas relações de poder propõe que a sociedade seja regida pelo poder, determinando que o exerce. A partir dessa dialética, Foucault apresentou uma abordagem “que considera a reversibilidade das relações de poder entre os indivíduos envolvidos, em que os papéis de dominadores e dominados podem ser invertidos” (CABRAL; GARCIA; MACHADO; MATOS, 2019, p. 128). Sobre isso, Albuquerque (1995) comenta:

[...] se o poder se sustenta de baixo para cima, ao contrário de se originar de cima para baixo, quanto mais alto na hierarquia de poder, menor a autonomia do indivíduo para alterar as redes de poder na sociedade. Nesse sentido, a ação individual do chefe de governo é menos decisiva do que a do mestre-escola. Foi por isso que todos os Estados modernos forjaram sua nação através da instrução pública, e não pela vontade do rei (ALBUQUERQUE, 1995, p. 109).

Os mecanismos de poder são atemporais, mas se moldam dentro dos parâmetros pré-estabelecidos da sociedade em cada época, ou seja, eles se moldam para acompanhar o dinamismo de mudança da sociedade. Logo,

[...] isso significa que o poder, para exercer-se nesses mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são construções ideológicas (FOUCAULT, 2019, p. 289).

O poder que permeia as relações sociais é mais facilmente observado, na maioria das vezes, nas relações hierárquicas. Porém, pouco se considera a relação de poder exercida, de grosso modo, de baixo para cima. É essa relação que torna possível a análise do livro nesse trabalho. Algumas questões presentes no livro são: as regras que norteiam o convívio social e a relação entre as normas e os interesses do grupo social que detêm o poder.

2.2 Política para além da governabilidade

No livro *A microfísica do poder*, Foucault afirma que “a política é a guerra prolongada por outros meios” (2019, p. 275), tais como confrontos econômicos e de relações exteriores. Ou seja, pode-se pensar na política como guerra e confronto ou como algo repressivo e, muitas vezes, realizado por razões econômicas.

Em relação à política, Foucault estabelece:

[...] em primeiro lugar, que as relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida [...]. Em segundo lugar, quer dizer que, no interior da “paz civil”, as lutas políticas, os confrontos a respeito do poder, como o poder pelo poder, as modificações das relações de força em um sistema político, tudo isso deve ser interpretado apenas como continuações da guerra. [...] Em terceiro lugar, que a decisão final só pode vir da guerra, de uma prova de força em que as armas deverão ser os juizes. O final da política seria a última batalha suspenderia finalmente o exercício do poder como guerra prolongada (FOUCAULT, 2019, p. 275 – 276).

Já que “a política é a sanção e a representação do desequilíbrio das forças manifestadas na guerra” (FOUCAULT, 2019, p. 275), pode-se pensar em políticas de governo que se pautam na repressão e no uso da força para impor algo⁴.

Conforme Foucault, a arte de governar é a passagem entre os conselhos ao príncipe e a ciência política. Concomitantemente, a arte de governar que

aparece em toda a literatura, deve responder essencialmente à seguinte questão: como introduzir a economia – isto é, a maneira de gerir corretamente os indivíduos, os bens, as riquezas no interior da família – no nível da gestão de um Estado? A introdução da economia no exercício político será o papel essencial do governo (FOUCAULT, 2019, p. 413).

Foucault extrai uma parte do *Miroir politique contenant diverses manières de gouverner*, de Guillaume de La Perrière, para caracterizar o que ele vai chamar de *arte de governar*:

Em primeiro lugar, o que o autor entende por governar e governante? Diz ele, na página 24 de seu texto: “governante pode ser chamado de monarca, imperador, rei, príncipe, magistrado, prelado, juiz e similares” [...]. Essas observações, que parecem simplesmente terminológicas, têm de fato implicações políticas importantes. O príncipe “maquiavélico” é, por definição, único em seu principado nesta posição de exterioridade, transcendência, enquanto nesta literatura o governante, as pessoas que governam, a prática de governo são, por um lado, práticas múltiplas, à medida que muita gente pode governar [...]. Existem, portanto, muitos governos, em relação aos quais o do príncipe governando seu Estado é apenas uma modalidade. Por outro lado, todos esses governos estão dentro do Estado ou da sociedade. Portanto, pluralidade de formas de governo e imanência das práticas de governo em relação ao Estado; multiplicidade e imanência que se opõem radicalmente à singularidade transcendente do príncipe de Maquiavel (FOUCAULT, 2019, p. 411- 412).

Foucault apresenta uma premissa que parece óbvia à primeira leitura: “portanto, governar é governar as coisas” (2019, p. 416), mas, se pararmos para analisar, deixa de ser óbvia e passa a ser reveladora. Pensamos, em geral, que governar é exercer gestão sobre algo, mas o que Foucault diz além desse óbvio é que, na verdade, governar deve ser exercer gestão sobre coisas, e essa ênfase em coisas acaba por excluir os indivíduos dessa gestão.

⁴ Essa forma de governar autoritária, violenta e repressiva, será abordada com mais detalhes e exemplos no capítulo de análise da obra literária.

Foucault traz ao primeiro plano o conceito de “governo” para alcançar a formação das relações de poder, que são certo corte nas relações de força, espécie de assimetria da qual se pode dar a gênese, mas não a razão. Esse conceito destaca a relação consigo ou com outros que implica o sujeito na constituição da verdade, do justo, do bem etc. Assim, “poder” torna-se um conceito menos operatório que “governo” porque a situação das diversas relações de poder é determinada por um movimento fundamental de constituição que apenas a noção de governo alcança (STIVAL, 2016, p. 108).

Após um determinado tempo, “Foucault inicia uma inversão que só conclui com a sobreposição do governo em relação ao poder enquanto categoria central de análise social e política” (STIVAL, 2016, p. 117). Com isso,

O problema do governo passou a estar no centro da teoria social foucaultiana, ou seja, os modos de instrumentalizar a conduta e as esferas práticas com a finalidade de controlar indivíduos e coletividades. Seu foco deixa de ser a disciplina dos corpos e passa a ser a segurança das populações. Aqui se trata de produzir a vida também, mas de coletividades. De uma anátomo-política dos corpos a uma biopolítica da população, portanto (HILÁRIO, 2016, p. 200).

O governar se opõe a soberania, uma vez que o governar tenta gerenciar uma massa e não apenas mandar em uma população.

Portanto, o governo não está vinculado de partida à forma do Estado. A condução dos homens não estaria, por conseguinte, considerando-se a noção de governo, determinada exclusivamente pelo modelo estatal de poder, mas, particularmente, pela forma de determinação da verdade, da racionalidade. Com isso, é possível desenraizar os valores vigentes. Afinal, a verdade ou a razão em jogo em um sistema social determinado organiza a ação dos homens que a compõem, e não tanto a forma administrativa – esta última é um dos modos de definição concreta da verdade e da razão, responsável por sedimentar relações de poder atuais. Portanto, governo é o tipo de relação consigo ou com outrem que orienta a ação, por delimitar suas possibilidades, e, dessa forma, produz relações de poder, pois produz diretamente no outro certa qualidade (STIVAL, 2016, p. 112)

Uma vez que se baseia no poder do modelo da economia,

Portanto, uma série de finalidades específicas que são o próprio objetivo do governo. [...] enquanto a finalidade da soberania é ela mesma, e seus instrumentos têm a forma de lei, a finalidade do governo está nas coisas que ele dirige, deve ser procurada na perfeição, na intensificação dos processos que ele dirige e os instrumentos do governo, em vez de serem construídos por leis, são táticas diversas (FOUCAULT, 2019, p. 418).

Ou seja, é o domínio das relações estratégicas, que “trata de um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental, que tem a população como seu alvo principal e os dispositivos de segurança como seus mecanismos essenciais” (FOUCAULT, 2019,

p. 428). Foucault define esse triângulo com o nome de *governamentalidade*, que, para ele, é:

1. O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma de principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.
2. A tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo sobre todos os outros [...] e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes.
3. O resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade média que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentabilizado (2019, p. 429).

Ou seja,

No quadro conceitual proposto por Foucault, portanto, governo é o modo concreto de uma governamentalidade específica e não necessária. Quer dizer, há um campo no qual certas formas de governo de si e dos outros tomam corpo, fornecendo sentido às relações e estabelecendo distinções e significações. Assim, por ampliar a perspectiva e recuar ao campo aberto em que as relações de poder se estabelecem e dão forma a uma racionalidade específica, o estudo da governamentalidade é decisivo na revisão do conceito de poder (STIVAL, 2016, p. 112).

Portanto, o Estado estabelece três pontos de apoio “Pastoral, novas técnicas diplomático-militares e finalmente a polícia: eis os três pontos de apoio a partir do que se pôde produzir este fenômeno fundamental na história do Ocidente: a governamentalização do Estado” (FOUCAULT, 2019, p. 431). Ou seja, com esses três pontos de apoio, o Estado vai criar uma base para seu governo e governar a partir dessas diretrizes pode revelar a real inclinação do Estado para com a população.

3 ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA E PODER NA OBRA

Porque soberania e disciplina, direito da soberania e mecanismos disciplinares são duas partes intrinsecamente constitutivas dos mecanismos gerais do poder em nossa sociedade.

(Michel Foucault)

3.1 A política na obra: relações e inter-relações

A obra em análise apresenta um recorte do “idealismo utópico de sociedade “perfeita” no discurso da personagem porco Major que, na possibilidade de se efetivar quando da ascensão dos porcos ao poder, resulta em uma distopia” (MATOS; SANTOS; OLIVEIRA. 2010, p. 1). É o que pode ser notado nos seguintes trechos:

Camaradas, já ouvistes, por certo, algo a respeito do estranho sonho que tive a noite passada [...]. Então, camaradas, qual é a natureza da nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e os que podem trabalhar são forçados a fazê-lo até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade [...]. O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o suficiente para alcançar uma lebre. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Põe-nos a trabalhar, dá-nos de volta o mínimo para evitar a inanição e fica com o restante [...]. Não está, pois, claro como água, camaradas, que todos os males da nossa existência têm origem na tirania dos seres humanos? Basta que nos livremos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja somente nosso. Praticamente, da noite para o dia, poderíamos nos tornar ricos e livres. Que fazer, ? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. Esta é a mensagem eu vos trago, camaradas: Revolução! Não sei quando sairá esta Revolução, pode ser daqui a uma semana, ou daqui a um século, mas uma coisa eu sei, tão certo quanto o ter eu palha sob meus pés: mais cedo ou mais tarde, justiça será feita (ORWELL, 2010, p. 7-9).

Toda a obra é permeada por relações políticas autoritárias. Num primeiro momento, temos o autoritarismo do Sr. Jones, que explora os animais além de seus limites, pois, “o Homem não busca interesses que não os dele próprio” (ORWELL, 2007, p. 14). E, em outro momento, temos o autoritarismo dos porcos, que também exploram os demais animais, depois de chegarem a uma posição de poder elevado.

Com isso, nota-se que a chamada “tirania dos humanos”, ao longo do texto, vai sendo trocada e remodelada para se tornar uma tirania dos porcos. Isso pode ser visto na última frase do texto, na qual Orwell pontua “as criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco” (2007, p. 112).

É interessante notar, também, que na letra do hino “Bichos da Inglaterra”, que é mencionada pela primeira vez quando Major faz seu discurso, há vários versos que podem remeter a processos ligados à Revolução Russa e aos desejos da implementação do socialismo e dos princípios dessa Revolução. Por exemplo, (2007, p. 16 -17, grifos meus):

Novidade que virá.
Mais hoje, mais amanhã,
O Tirano vem ao chão,
[...]

Riqueza incomensurável,
Terra boa, muito grão,
[...]

Liberdade nas alturas.

Lutemos por esse dia
Mesmo que nos custe a vida.
[...]
Todos unidos na lida.
[...]
Levai esta mensagem
E o futuro sorrirá.

No verso “Liberdade nas alturas”, é notável que o princípio da Revolução era realmente o de libertar os animais de um sistema autoritário, assim como no verso “o Tirano vem ao chão”. Mas, depois que a Revolução se consolida, essa liberdade não acontece, pois, os princípios da Revolução foram sendo suprimidos para dar lugar a um sistema autoritário, que trabalhava pela perpetuação de uma hegemonia com outra roupagem.

Assim, aparece outro hino para substituir *Bichos da Inglaterra*, que é intitulado *O camarada Napoleão*:

Amigo dos orfãozinhos!
Fonte da felicidade!
Senhor do balde de lavagem! Oh, minh'alma arde
Em fogo quando te vejo
Assim, *calmo e soberano,*
Como o sol na *imensidão,*
Camarada Napoleão!
[...] (ORWELL, 2007, p. 77, grifo meu).

Já nesse hino, Napoleão aparece como um ser superior e fonte de tudo o que é bom para os animais. Apesar de ser chamado de soberano, é representado como um soberano calmo, contradizendo uma ideia comum de que soberanos são sempre figuras de poder, mais ligados à cólera do que à calma. Mesmo assim, é retratado como calmo e

fonte da bondade. Porém, a representação na obra é diferente. Há uma cena, por exemplo, em que Napoleão está cercado por seus cachorros, e, quando alguém se aproxima, os cachorros latem e rosnam.

Embora ainda não tivessem completado o crescimento, já eram uns cães enormes e mal-encarados como lobos [...]. Quatro jovens porcos castrados, colocados na primeira fila, soltaram altos guinchos de protesto e levantaram-se falando a um só tempo. Mas os cachorros, junto de Napoleão, soltaram um rosnado fundo e ameaçador, e os porcos calaram-se, sentando-se de novo (ORWELL, 2010, p. 36).

Essa construção marca a presença de uma agressividade de Napoleão transferida a seus cães, o que acaba sendo usado como uma estratégia de intimidação velada.

Como mencionado no capítulo anterior, Foucault estabelece a política como confrontos econômicos e não belicosos. Na obra, essa relação de política se dá através do conceito ideológico presente na obra, o ‘Animalismo’, sobre o qual explicam Matos, Santos e Oliveira (2010):

[...] são alterados a partir do quarto mandamento, quase que despercebidamente pelos outros bichos, a benefício dos porcos. O último mandamento, “todos os bichos são iguais”, foi alterado para” todos os bichos são iguais, mais alguns são mais iguais que outros”, (ORWELL, 2007, p. 106), afirmando assim uma divisão política na Granja, ou seja, deixa-se a coletividade. Desse modo, “as alterações só tinham por finalidade a melhora da vida dos porcos que administravam a fazenda” (MATOS; SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 7).

A primeira aparição do termo “animalismo” acontece quando Bola-de-Neve, Garganta e Napoleão organizam “os ensinamentos do Major num sistema de pensamento” (ORWELL, 2010, p. 12). Os três porcos decidiram, depois de estudos

[...] que haviam feito nos últimos três meses, era possível resumir os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos. Esses Sete Mandamentos, que seriam agora escritos na parede, constituiriam a lei inalterável pela qual a Granja dos Bichos deveria reger sua vida a partir daquele instante, para sempre (ORWELL, 2010, p. 18).

Porém, Bola-de-neve modifica esses mandamentos em um mandamento maior, ao final dessas manipulações das regras, surge uma premissa maior, “quatro pernas bom, duas pernas ruim”, ou uma cláusula pétreia, que é definida por Sarmiento (2018, p. 4.) como:

Na constituição, são determinados certos ritos e maneiras de como se dará a alteração do texto, inclusive, vale ressaltar que nem tudo expresso em uma Constituição pode ser alterado, existem Cláusulas Pétreas que são imutáveis justamente para prevenir um processo de destruição da Constituição.

Napoleão utiliza a força para que seu regime autoritário e totalitário funcione, como quando, durante uma reunião, ele

levantou-se e, dando uma estranha olhadela de viés para Bola de Neve, soltou um guincho estridente que ninguém ouvira antes. Ouviu-se um terrível ladrido lá fora e nove cães enormes, usando coleiras tachonadas com bronze, entraram latindo no celeiro. Jogaram-se sobre Bola de Neve, que saltou do lugar onde estava, mal a tempo de escapar àquelas presas (ORWELL, 2010, p. 34).

Napoleão também planeja regras e aproveita que a maioria dos animais não sabe ler para manipular essas regras como ele bem entende, como fez durante seu discurso após a perseguição a Bola-de-neve:

Napoleão, com os cachorros a segui-lo, subiu para o estrado, de onde o Major fizera seu discurso. Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos, presidida por ele, que se reuniria em particular e depois comunicaria suas decisões aos demais. Os animais continuariam a reunir-se aos domingos para saudar a bandeira, cantar Bichos da Inglaterra e receber as ordens da semana; não haveria debates (ORWELL, 2010, p. 36)

Usa, assim, da alienação dos outros animais da Granja para se manter no poder, materializando uma relação de dominação que não se dá pela força física, mas pela força das ideias, que obriga os próprios sujeitos a se “vigiar” de modo a agir de acordo com o que espera aqueles que estão no poder.

3.2 O poder na obra: ocorrência e análise

Durante o discurso do porco Major, antes de sua morte, o poder é materializado nas formas de conhecimento,

Sei, camaradas, que não estarei convosco por muito tempo e antes de morrer considero uma obrigação transmitir-vos o que tenho aprendido sobre o mundo. Já vivi bastante e muito tenho refletido na solidão da

minha pocilga. Creio poder afirmar que compreendo a natureza da vida sobre esta terra, tão bem quanto qualquer outro animal. É sobre isso que desejo falar-vos (ORWELL, 2010, p. 7).

Uma vez que,

Esse discurso do Velho Major na reunião, que se inicia ressaltando o conhecimento armazenado pelo porco ancião ao longo de sua vida, remete ao papel do conhecimento e da informação como fonte de poder, como apontado por Toffler (1980, 1990), no que se refere ao seu potencial para persuadir indivíduos. Na narrativa, o conhecimento em relação às atitudes dos homens com os animais é, dessa forma, utilizado pelo porco como um reforço à sua autoridade formal-tradicional, legitimando o seu poder em relação aos demais animais, característica essa asseverada por Boff e Abel (2005), sendo também um catalisador para o advento da revolução (CABRAL; GARCIA; MACHADO; MATOS. 2019. p.129).

A partir disso, Bola-de-neve tenta implementar aulas para que todos os animais consigam ler os sete mandamentos, porém, quando isso não se realiza, ele decide resumir em apenas um mandamento, que seria o fundamental, para que os animais pudessem decorá-lo, pelo menos.

A ideia dessa implementação estabelece uma relação entre poder e saber, já mencionada antes, na qual os intelectuais vão legitimar ou não os saberes da população. Outro momento em que essa ideia pode ser reafirmada é no trecho da página 27, que segue assim “os porcos não trabalhavam propriamente, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros. *Donos de um conhecimento maior, era natural que assumissem a liderança*” (ORWELL, 2009, p. 27, grifo meu). Essa escolha de palavras serve para reafirmar que o poder exercido pelos porcos se justificava por terem o intelecto um pouco mais evoluído, por assim dizer.

Durante a análise do livro, é notável a relação entre fala e poder, e sua primeira marcação se dá quando “a eloquência de Bola-de-Neve arrastou a todos”, e só se repete nos discursos realizados por Garganta, em prol de Napoleão. O discurso tem como função, em ambos os casos, fazer a maioria abandonar suas dúvidas e levar a uma conquista maior, pois:

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. [...] Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse feito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu corpo contra o poder [...] (FOUCAULT, 2019, p. 235).

É particular o modo como o autor da obra nomeia o porco responsável por falar e convencer os demais animais da Granja dos Bichos da bondade de Napoleão. O próprio uso da palavra Garganta remete ao aparelho que usamos para falar. No livro, quem mais tem o poder da fala é o porco Garganta.

As relações de poder são percebidas quando se restringe os discursos, ou seja, há uma ligação entre como se controla o discurso e como se controla o poder. Consegue-se notar o exato momento em que a tirania dos porcos é posta em prática por meio do discurso, “anunciou que daquele momento em diante terminariam as reuniões aos domingos de manhã. Eram desnecessárias, disse ele, uma perda de tempo” (ORWELL, 2007, p. 48). Essas reuniões tinham o caráter social comunitário, pois todos os bichos podiam votar e decidir com a maioria, quase um princípio de democracia, mas sempre pensando no bem coletivo. Quando Napoleão tira essas reuniões, ele tira o poder de escolha do povo.

A partir dessa decisão, Napoleão passa a governar a Granja como bem quer, até concede o título de República a ela, porém, ao contrário do que se espera numa república, não houve nenhum adversário de Napoleão e ele acabou “vencendo” por unanimidade. Essa relação entre soberania e disciplina foi o que proporcionou essa unanimidade, “[...] porque soberania e disciplina, direito da soberania e mecanismos disciplinares são duas partes intrinsecamente constitutivas dos mecanismos gerais do poder em nossa sociedade” (FOUCAULT, 2019, p. 295). Ou seja, o poder disciplinar tem como objetivo organizar e homogeneizar a sociedade.

Ainda sobre Napoleão, temos que sua relação com os cachorros, que o cercam e o protegem era exercida pelo poder carismático. Ou seja, “O porco Napoleão, dessa maneira, apresenta perante os cachorros aspectos uma relação de poder legitimada pelo carisma, como descrito por Weber (1999)” (CABRAL; GARCIA; MACHADO; MATOS, 2019, p. 130).

Ao final do livro, quando Benjamim lê os sete mandamentos, descobre que não havia nada além de um único mandamento: “todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros” (ORWELL, 2007, p.106). Uma possível explicação para “alguns são mais iguais que outros” é mostrada no último parágrafo, quando os porcos são facilmente confundidos com os humanos. É como se fosse exposto que a desigualdade, em sociedades totalitárias, é ainda maior, pois, tem-se a ideia de igualdade, mas ainda há os privilegiados.

4 ATUALIDADE DE ORWELL: uma leitura em 2020

O poder, na verdade, não se exerce sem que custe alguma coisa.

(Michel Foucault)

Atualmente, é notável como que as sociedades têm vivido polarizações de toda ordem, vendo emergir extremistas, principalmente, de extrema direita. O site da BBC⁵ fez uma matéria sobre o crescente extremismo de direita, e coloca alguns dados desse aumento, por exemplo:

De janeiro a agosto de 2019, o governo alemão contabilizou 12.493 delitos “politicamente motivados” pela extrema direita, dos quais 542 foram crimes violentos. Além disso, apenas em 2016, registraram-se 988 ataques a centros de acomodação para solicitantes de refúgio no país. Mas o avanço da violência de ultradireita não é um fenômeno alemão. Em 2017, um homem avançou com uma van contra um grupo de muçulmanos que seguia para uma mesquita em Londres, matando uma pessoa. Naquele mesmo ano, um atirador matou seis pessoas em uma mesquita em Quebec, no Canadá.

Esse cenário pode ser intensificado pela pandemia de Covid-19 que assola o mundo desde o ano de 2020. Em relação a isso, a ONU

[...] emitiu recentemente um alerta sobre a disseminação massiva de mensagens conspiratórias da extrema direita que estão servindo para planejar e executar ações violentas.

Há um número significativo: em apenas três meses, um total de 34 portais conspiratórios sobre a covid-19 alcançou 80 milhões de interações no Facebook, segundo o relatório de alerta da ONU. Enquanto isso, a Organização Mundial da Saúde, uma fonte de informações oficiais e verdadeiras, obteve apenas 6,2 milhões (Idem).

Esse cenário evidencia uma relação entre acesso a bens e acesso a poder. Uma das mais importantes relações de poder que movem a sociedade são as relações econômicas, independentemente da esfera em que se analise.

Ou seja, o poder, principalmente o econômico, tem grande influência em governos com vieses autoritários. Porém, outra forma de poder que tende a moldar a sociedade para

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53197469>. Acesso em: 29 jan. 2021.

se encaixar nesses governos é o poder disciplinar, por meio do qual o governo tenta moldar uma sociedade a partir de seus parâmetros hegemônicos. Por isso, é preciso

Mostrar a história que, quanto mais autoritários são os regimes políticos, maiores são as tentativas para que se intensifiquem tentativas de controle das sexualidades, dos corpos e da própria diversidade (SCHWARCZ, 2019, p. 206).

O poder disciplinar pode ser visto na obra no mandamento “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”, o qual é usado com frequência para que os animais saibam separar seus inimigos, no caso os humanos, de seus aliados. Há também os momentos em que os animais trabalham na colheita, como forma de criar uma rotina para disciplinar os animais aos trabalhos da granja.

Os animais marcharam rumo ao campo de feno, para o início da colheita [...]. Os cavalos conheciam cada palmo do terreno e na realidade sabiam ceifar e raspar [...]. Durante o ano inteiro os bichos trabalharam feito escravos (ORWELL, 2010, p. 19, 20, 40).

Pensando no poder disciplinar, os governos autoritários aumentaram sua visibilidade por terem como base as campanhas populistas. Esses governos têm mostrado características comuns entre si, como “a construção de ameaças e inimigos imaginários para justificar medidas restritivas e recuos reacionários” (ABRANCHES, 2020, p. 88). Por exemplo,

Em pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Holanda (Fernbach, Rogers, Fox, & Sloman, 2013; Van Prooijen, Krouwel, & Pollet, 2015), identificou-se que pessoas com posições políticas extremas (esquerda e direita), baseiam-se em confiança e entendimento não justificado. As correntes políticas consideradas relativamente extremas nas democracias modernas como, por exemplo, o populismo, podem ser comparadas ao fascismo ou ao comunismo do século XX (Van Prooijen, Krouwel, & Pollet, 2015). Os extremistas políticos tendem a confiar particularmente em suas crenças políticas, contudo, nas sociedades ocidentais modernas, essas crenças parecem mais associadas às ideias do que instituições (Toner, Leary, Asher, & Jongman-Sereno, 2013). Além disso, registros históricos sugerem que as tragédias causadas pelo extremismo político, tendem a ser julgadas por grupos de opiniões contrárias, como reflexo de crenças em teorias de conspiração (ALBA, 2018, s/p)

Quando pensamos no governo brasileiro, essa característica se sobressai com o motivo de os “comunistas” quererem acabar com o Brasil e torná-lo uma “nova Venezuela”.

O que não é dito nesse tipo de comentário tem a ver com sobre como se comporta o governo autoritário e o que ele ganha com medidas restritivas, de cerceamento e perseguição. De primeiro momento, podemos pensar que são excluídas, aos poucos, as liberdades de expressão em relação ao pensamento e as posicionamento político., pois a mentalidade autoritária não se assenta, necessariamente, em uma ideologia. Não requer um sistema coerente de valores e de princípios normativos. Prescinde da associação a um setor organizado da elite ou da contra elite. Em princípio, não estabelece um regime autoritário. Forma um governo orientado pela vontade de uma liderança isolada e personalizada. A personalidade autoritária é “cabeça-dura”, compulsiva, impulsiva,

exasperada e intolerante. Um governo liderado por essa mentalidade corresponde à cristalização política de determinados valores excludentes e discriminatórios por uma liderança autocentrada e agressiva (ABRANCHES, 2020, p. 162).

Pensando nesse comportamento da mentalidade autoritária, podemos observar numa ótica um pouco mais ampla como

Trump e Bolsonaro mostram maestria na linguagem do ódio, explorando muito bem a dinâmica desafeição/afeição. Nenhum dos dois consegue eloquência similar no manejo da linguagem comum, um exemplo de incivilidade que se repete em outros países (ABRANCHES, 2020, p. 67).

Olhando para os últimos anos, o que é possível pensar a partir do livro *A Revolução dos Bichos* e a nossa atualidade?

Em primeiro lugar, que “A tentativa de reescrever a história pode ser eficaz e perigosa em um país praticamente sem memória histórica, de população ainda muito jovem, que não viveu o período autoritário” (ABRANCHES, 2020, p. 89), uma vez que é possível ver jovens fazendo passeata em prol da ditadura militar.

Pensemos no Brasil, um país que não se reconhece com país colonizado, e tenta seguir os moldes de sociedades europeias, e, mais recentemente, da sociedade estadunidense; um país que não reconhece seu racismo estrutural e enraizado; um país sem consciência de classe, no qual se elegem governantes que não se preocupam com a maior parcela da população. Não se deve esperar que esse país tenha uma política não hegemônica, pois,

No plano geopolítico, da política internacional, o suspense fica por conta do fato de que a principal incógnita diz respeito à potência ainda hegemônica. Quando a variável definidora de parte significativa da

equação global diz respeito ao “*hegemon*” e não pode ser estimada, todas as dúvidas se condensam nela (ABRANCHES, 2020, p. 36).

Devemos tomar cuidado quando pensamos em grandes revoluções com soluções autoritárias, pois elas “prometem tempestade entregam, na maioria das vezes, apenas ventania” (SCHWARCZ, 2019, p. 161). Ou seja, pensar em uma com viés autoritário, pode, muitas vezes, prometer grandes mudanças para chegar ao poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder é o poder concreto que cada indivíduo detém e que cederia, total ou parcialmente, para construir um poder político, uma soberania política.

(Michel Foucault).

Este trabalho de pesquisa não pretende ser apenas mais uma proposta de leitura de uma obra já tão conhecida e reconhecida em todo o mundo. Isso porque a ideia foi a de propor uma leitura que olhasse para a obra, mas não só, permitindo uma ampliação do olhar para o mundo. Por isso, decidimos investir esforço para propor uma leitura ampliada, olhando também para a nossa sociedade atual, pois, apesar de a obra de Orwell ter sido

Escrita em meio ao funcionamento de muitos governos totalitários, como o nazista e o fascista e apesar de ser, especialmente, uma crítica ao stalinismo na URSS, “nada impede que a interpretação da obra se estenda para uma realidade mais global da história mundial” (MATOS; SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p.2).

Durante nossas pesquisas e reflexões, conseguimos notar que muitas pessoas realmente não entendem o que está acontecendo, e que aquelas que entendem, mas decidem não se posicionar, estão, de certa forma, beneficiando-se com esse sistema. Esse sistema beneficia a maioria para calar a minoria, dá poder àqueles que irão, a grosso modo, devolver ao sistema o poder dado. Pois, quando se tem afinidade por algo ou se beneficia de algo, não deseja mudá-lo, apenas perpetuá-lo.

E é nessa forma de identificação da perpetuação da política de viés autoritário que nossa pesquisa se fez presente e necessária, à medida que investigamos, refletimos e concluímos que o poder disciplinar ajuda a perpetuar esse sistema, tendo em vista que sua função é moldar algo conforme aquele tempo; que o poder econômico, na concepção foucaultiana, pode perpetuar esse sistema, logo que o detentor do poder permanecer com ele; que o biopoder é esse mecanismo orgânico, difuso e obscuro de organizar e reger uma sociedade dentro das necessidades e desejos daqueles que controlam a maioria.

Ou seja,

Para Foucault, todo poder se relaciona e se garante a partir de regimes que o sustentam. Assim, a participação funciona como elemento que une trabalhadores a outros trabalhadores e todos eles à organização, com o mesmo objetivo e problemática: a sobrevivência/lucro da

organização e, conseqüentemente, dos seus empregos (SA; SOARES. 2005, p. 7).

Para Cabral, Garcia, Machado e Matos (2019), a informação é fundamental em situações de conflito, principalmente os não belicosos. Com isso, é interessante refletir sobre como o poder age nessas situações de conflitos.

Em suma, a pesquisa apresenta uma análise da obra de maneira que possamos olhar com novos olhos para o tema a ampliá-lo para nossa realidade de forma coerente. Assim, mostrando que podemos identificar trações da realidade na ficção e conseguir transpô-los de maneira coesa para a atualidade.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. **O tempo dos governantes incidentais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ALBA, George dos Reis et al. A Relação entre Extremismo Político, Ilusão de Conhecimento e Crenças Conspiratórias e seus Impactos nos Eleitores de Três Municípios do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 23-38, dez. 2018. ISSN 2237-7956. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/2534/1933>. Acesso em: 29 jan. 2021. Doi: <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2018.v8i2.2534>.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. Michel Foucault e a teoria do poder. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 105-110, outubro de 1995.

CLARK, Philip. **A revolução russa**. São Paulo: Ática, 1990.

CABRAL, A. C. A; GARCIA, E. A. R; MACHADO, D. Q.; MATOS, F. R. N. A Revolução dos Bichos: Uma Análise Fílmica do Papel das Fontes de Poder em Situações de Conflito. **Revista Gest@o.Org**, v. 17, n. 2, p. 120-136, 2019.

FILHO, P.A.P.C.; FONSECA, A.S.S. Discurso e poder na Revolução dos Bichos. **Jornada Norte-Nordeste de Direito e Literatura da RDL**, Campina Grande. 08-09 jun. FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 10ªed. 2019.

HILÁRIO, L. C. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere aude**, v. 7, n. 13, p. 194-210, 21 jun. 2016.

LOURISVALDO BORGES DA SILVA. 1984 - George Orwell. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@, [S. l.]**, v. 4, n. 1, p. 60 - 67, 2019. Disponível em: <https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/69>. Acesso em: 19 nov. 2020.

MATOS, L.; SANTOS, F.C.N; OLIVEIRA, L. Uma Discussão sobre os Elementos Utópicos e Distópicos em *A Revolução dos Bichos*. **Fronteira digital**, n. 2, art. 2. 2010. MONTEFIORE, Simon Sabag. **Stálin a corte do czar vermelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SÁ, Márcio Gomes de; SOARES, Guilherme José de V.. Reflexões sobre poder e controle nas Organizações da Economia Solidária (OES): um olhar à luz dos bichos de Orwell. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 01-13, July 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512005000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 Jan. 2021.

SALOMONI, Antonella. **Lenin e a Revolução Russa**. São Paulo: Ática, 1997. 2 ed. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STIVAL, Monica Loyola. Governo e poder em Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 4, p.107-126, Out./Dez., 2016.

ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova**: Rev. De cultura e política. São Paulo, nº63. 2004.

VICENTINO, C. **Rússia antes e depois da URSS**. São Paulo: Scipione, 1995.

SUMÁRIO

Introdução	11
1 Quem é quem?	13
1.1 Apresentação do autor.....	13
1.2 Apresentação e contextualização da obra.....	14
1.3 Uma contextualização sobre a Revolução Russa.....	17
2 Poder e política na obra	21
2.1 Poder como mecanismo difuso.....	21
2.2 Política para além da governabilidade.....	25
3 Análise da relação entre política e poder na obra	29
3.1 A política na obra: relações e inter-relações.....	29
3.2 O poder na obra: ocorrência e análise.....	25
4 Atualidade de Orwell	35
Considerações finais	37
Referências	40